

Bancada de Sarney no

Política e Economia

JORNAL DO BRASIL

Congresso terá 70 parlamentares

Wilson Moraes — 2/6/88

Dora Kramer

BRASÍLIA — Discretamente, com ajuda de amigos poderosos, como o governador eleito da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, o ex-presidente José Sarney prepara-se para voltar ao Congresso Nacional como senador eleito pelo Amapá no comando de uma bancada de aproximadamente 70 votos. Pelas contas de um ex-assessor parlamentar do Palácio do Planalto, esses números coincidem com os apurados pela Comissão de Assuntos Legislativos da Confederação Nacional da Indústria. Ainda em fase preliminar de articulação, o grupo — integrado fora do Legislativo por quatro governadores já eleitos e com possibilidade de emplacar mais dois — pode ser reconhecido hoje pelo discurso, que funciona como uma senha.

“O governo não pode ter como projeto único o combate à inflação”, disse Antônio Carlos Magalhães, em Itaparica, há dez dias. Na madrugada de quinta-feira, entre cochichos com o governador que só chama de “Antônio”, Sarney repetia a frase numa festa do setor de mansões Park Way, em Brasília. Menos de 24 horas depois, o líder do PFL, Ricardo Fiúza — que por pouco não foi ministro da Indústria e Comércio no governo Sarney —, fazia a mesma afirmação no Congresso. Coincidentemente, embora haja quem enxergue mais que coincidência, na última semana de outubro o governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, deu duas grandes entrevistas fazendo a mesma pregação.

Amigos — “Estaremos ao lado dele sempre que precisar”, dizia durante a semana o deputado Luís Eduardo Magalhães, filho de Antônio Carlos, o ministro das Comunicações de Sarney, um dos únicos a permanecer no governo do primeiro ao último dia. Enquanto isso, o senador Edison Lobão lançava a idéia da formação de um bloco informal e suprapartidário que atuaria sob a liderança do ex-presidente, com postura de independência em relação ao governo. Segundo Lobão, a idéia não é fazer uma oposição sistemática, “mas não deixar de bater quando for preciso”.

Além dos deputados e senadores que lhe foram fiéis no governo passado — na lista não são contabilizados os que votaram por seu mandato de cinco anos em troca de favores porque, segundo um ex-assessor de Sarney, “esses já se consideram quites” —, o ex-presidente poderá contar com sua família e ex-ministros agora eleitos. Na Câmara estarão a filha Roseana, o filho José Sarney Filho e o irmão do ex-genro, Ricardo Murad. Foram todos eleitos pelo Maranhão, onde Sarney tem outros seis votos certos, numa bancada de 18, entre eles o do ex-ministro dos Transportes José Reynaldo Tavares. A mulher de Romero Jucá — nomeado por Sarney presidente da Funai e governador de Roraima —, Teresa, integra a bancada de Roraima, e Vicente Fialho, ex-ministro da Irrigação, a do Ceará.

Do Rio Grande do Norte virão três votos garantidos: os do ex-ministro da Administração Aluísio Alves, de seu filho Henrique Eduardo Alves e do correligionário dos Alves Laire Rosado. Na bancada de Minas, onde são contabilizados cinco apoios, estará Leopoldo Bessone, ex-ministro da Reforma Agrária. Entre os paulistas, Roberto Cardoso Alves, ex-ministro da Indústria e do Comércio, que já avisa: “Eu não sei quem é dessa bancada do Sarney, mas eu certamente sou. E tem mais, dou meu pescoço se ele não for presidente do Congresso daqui a dois anos”.

No Paraná, há o autor da emenda que deu a Sarney cinco anos de mandato, Matheus Iensen, e, em Santa Catarina, foi eleito o ex-ministro da Ciência e Tecnologia Luís Henrique. Na bancada gaúcha há dois apoios importantes: o do ex-líder do governo na Câmara e depois ministro-chefe



Missão de ACM (E) é desarmar os espíritos em relação a Sarney

do Gabinete Civil, Luís Roberto Ponte, e o ex-secretário de Ação Comunitária, Nelson Proença.

Inimigos — Mas há o caso de ex-ministros e funcionários que, por terem saído brigados, não devem fazer parte do grupo. Marco Maciel, ex-ministro do Gabinete Civil e da Educação, é um deles, e Prisco Viana, que ocupou a pasta da Habitação e Desenvolvimento Urbano, é outro. Prisco já comentou com amigos que não crê no sucesso de Sarney no Congresso e lembrou casos de ex-presidentes que voltaram e não conseguiram se firmar como lideranças, como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. O ex-presidente da Caixa Econômica Paulo Mandarino elegeu-se por Goiás, mas certamente não passará perto de Sarney, a quem atacou quando deixou o governo. Para o ex-presidente, segundo relato de um ex-assessor, Mandarino certamente constaria da lista dos dez piores caracteres de seu governo.

“Esse grupo sarneyista, junto com as bancadas de Antônio Carlos Magalhães e João Alves, soma muito mais de 100 votos. O presidente Collor terá de sair de sua postura imperial e, pelo menos nos ouvir”, define melhor um deputado que, por ter posição de destaque também no esquema Collor, prefere por enquanto o anonimato. “Sarney funcionará como desaguadouro das pessoas que, com o agravamento da recessão e a falta de habilidade do governo em relação ao Congresso, começarão a se afastar de Collor”, analisou esse deputado.

Por enquanto, a maioria dos políticos contabilizados no grupo também tem o traço de apoio ao atual governo. Um exemplo são os governadores. Além de Antônio Carlos, Iris Rezende, de Goiás, foi ministro da Agricultura; Joaquim Roriz, do Distrito Federal, foi governador de Brasília nomeado por Sarney; João Alves, de Sergipe, foi ministro do Interior. Incertos ainda estão Edison Lobão, que disputa o segundo turno no

Maranhão, e Jader Barbalho, ex-ministro da Reforma Agrária, que tenta a eleição no Pará. “Essas pessoas estão apenas circunstancialmente próximas a Collor, mas as ligações políticas e de amizade são com Sarney”, ponderou o deputado Alberico Filho (PFL-MA).

Telhado — No governo, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, sabe da articulação do grupo sarneyista mas, segundo um político do PFL que esteve com ele na terça-feira, não comenta o assunto. Na avaliação de governistas e de um alto funcionário de uma estatal com sede no Rio, a tendência do presidente da República será a de desprezar a articulação. “Se o Sarney for para a oposição, basta o Collor abrir uns três ou quatro inquéritos para que ele fique quieto. O telhado de vidro é muito grande”, acredita esse funcionário.

Evitar hostilidades do atual governo é exatamente a missão de Antônio Carlos Magalhães. Ele começou fazendo José Sarney circular na semana passada em festas e jantares brasileiros. “Vamos testar a sua popularidade”, incentivou, ao propor a Sarney uma ida ao badalado restaurante Florentino. “É melhor não irmos, pode não ser o momento certo”, ponderou Sarney, que acabou convencido por “Antônio” e festejado por todos os que estavam no restaurante.

Depois, Antônio Carlos carregou Sarney para um jantar em homenagem ao diretor de Jornalismo da Rede Globo, Alberico Sousa Cruz, amigo querido do presidente Fernando Collor. “A tarefa de ACM é desarmar os espíritos em relação a Sarney, ao mesmo tempo em que colabora na formação da maioria parlamentar de apoio ao governo”, explicou um político baiano da chamada “bancada do ACM”, acrescentando que o governador eleito continuará, pelo menos por enquanto, próximo a Collor, mas jogará em dobradinha com Sarney no Congresso, “porque agora o Legislativo tem muito poder”.